

# AS DAMAS DE FERRO DA CRIAÇÃO MUNDIAL

José Maria Pinto Oliveira

Às vésperas da realização da 117 versão do Derby do Kentucky, a 4 de maio de 1991, um articulista americano concluía, com base no método de dosagem, que o potro **Strike The Gold** não teria condições de ganhar a prova máxima do turfe ianque. Em suma, parece que a interpretação do analista sobre o pedigree do filho de Alydar em Majestic Gold, por Hatch Man resultava que o mesmo não possuía chances de vitória por lhe faltar stamina suficiente para os 2.000 metros da prova. Aconteceu, no entanto, o inesperado e **Strike The Gold** ganhou a corrida, até com sobras pois virou a curva final bem por fora e chegou ao disco lá pela baliza 10.



## **Strike The Gold**

O “pomo da discórdia”  
que gerou a discussão  
sobre dosagens e  
a importância das éguas

Incontinenti, a crônica americana, na semana seguinte ao clássico, “caiu de pau” no infelizmente articulado e aproveitando para atacar implacavelmente os processos de dosagem empregados para o cruzamento e programação das campanhas do puro de corridas. Para um rápido entendimento, dosagem significa a mistura adequada das aptidões velocistas, de meia-distância e fundistas, quando se pretende obter um cavalo em condições de ser bem sucedido nas provas de uma tríplice coroa, por exemplo. De outra forma, quando se quer um animal para distâncias alentadas, lança-se mão de elementos portadores de cargas genéticas mais fundistas. Se a pretensão é um velocista, usa-se maior quantidade de sangues de velocidade.

Os números são utilizados para o cálculo das dosagens são de origem empírica, nada havendo de verificações científicas que comprovem que a aptidão transmitida por determinado chefe-de-raça seja efetivamente aquela que se espera. Portanto, o processo não possui uma precisão matemática, até porque, se fosse assim, não haveria graça na criação do cavalo de corridas.

O que tem ocorrido ainda, no tocante aos processos de dosagem é que, com a simplificação **dos mesmos, sugerida por Steve Roman** e seguida por outros, de somente utilizar-se os pedigrees até a quarta geração, os chefes-de-raça que se considerava nos cálculos, a coisa de 10 anos atrás, vão ficando mais distantes e “sumindo do pedigree”. Para compensar, os especialistas propõe novos chefes-de-raça, na maior parte dos casos sem qualquer qualificação para tal.

Entretanto, o que me despertou, na época, maior interesse nas discussões que se sucederam ao Derby do Kentucky de 91, foi o questionamento levantado por um criador americano que indagava a razão de não se considerarem as éguas do pedigree de um animal, nos processos de dosagem, que só são feitos utilizando os machos considerados chefes-de-raça.

O primeiro “dosador” da história do puro sangue foi o oficial francês chamado J. Vuilliers, que usou o pseudônimo de Lottery para denominar sua teoria de dosagens. Lottery valeu-se de 16 nomes consagrados do turfe internacional do século passado, entre os quais constava apenas uma égua: a excepcional **Pocahontas**. Depois veio o australiano Bruce Lowe com sua teoria de transmissão por via materna, consagrando o papel feminino como repassador das virtudes corredoras e reprodutivas. Nos primórdios deste século, o italiano Franco Varola começou a estabelecer um novo processo de dosagem, bem mais “racional” que os anteriores, mas baseado apenas no poder transmissor dos machos. Mais recentemente, **pode-se dizer**, Varola foi atualizado **pelo especialista americano Steve Roman** que formulou processo semelhante, mas ainda empregando apenas a parte masculina.

Desde que comecei, modestamente a lançar mão dos processos de dosagem, sobreveio-me a mesma dúvida do criador americano, a res

peito da desconsideração das fêmeas nos cálculos das dosagens.

É quase evidente que a prepotência racial está mais ligada aos machos, como ocorre em várias espécies, mas também é questionável quanto à absoluta ausência de tipos femininos vigorosos que podem, muitas vezes, suplantar a preponderância masculina, mormente por efeitos atávicos poderosos. Depois da discussão do resultado do Derby americano, passei então a investigar quanto à possibilidade das fêmeas, algumas das mais expressivas nos pedigrees internacionais, poderem também ser “dosadoras”.

Não custou muito para me permitir comprovar que, pelo mínimo, 41 grandes éguas exercem, em muitos casos, marcante influência nas aptidões corredoras de grandes campeões, podendo, portanto, serem consideradas perfeitas “dosadoras”. Em primeira aproximação, **deu para estabelecer que Friar’s Daughter, Lady Josephine, Lady Juror, Myrawalla, Mumtaz Mahal, Myrobella, Polly Flinders, Rough Shod e The Squaw** têm capacidade de transmitirem vocação velocista. Apenas, como exemplo, **Maniatao**, bem sucedido produtor de grandes velocistas, acusa em seu pedigree as presenças de **Lady Juror, Lady Josephine e Mumtaz Mahal**, assim como outro “balaço”, **Hang Ten**, possui inbreeding em **Mumtaz Mahal** da razão de 4 x 5.



**Mumtaz Mahal**

um dos fenômenos da criação internacional, tanto em aspecto, como corredora extraordinária

Outro grupo de fêmeas ilustres representado por **Almahmoud, Boudoir II, Judy O’Grady, La Troienne, Pretty Polly, Qurrat-Al-Ayn e Schiaparelli**, seria responsável pela transmissão conjunta de velocidade e classicismo, o que modela bem a aptidão da classe “intermediate” de Varola. **La Troienne** está presente, tanto no pedigree de **Make Tracks**, como no de **Buckpasser**, o primeiro velocista e o segundo um belo exemplo de animal de grande classicismo.



**Almahmoud**, uma das modernas “dosadoras” da criação americana. São comuns inbreedings sobre ela nos atuais cruzamentos.

**Aurora, Astronomie, Crepuscule Dalmary, Djezima, Feola, Myrtlewood, Phase, Reliance III, Sister Sarah, Teresina e Zariba** são transmissoras de evidente classicismo, consagrado no mundo inteiro, sendo que estes nomes podem ser encontrados num muitos pedigrees de ganhadores de Derby.

Novo grupo, agora responsável por consistência e coragem, é formado por **Book Law, Double Life, Nogara, Miss Disco, Plucky Liege, Scapa Flow, Selene, Trustful e Veneta**, e é encontrado em muitíssimos cavalos portadores de campanhas que exigiram imenso combate entre grandes valores de maravilhosas gerações, como é o caso de **Nearco**, filho de **Nogara**, que venceu o Grand Prix de Paris sobre **Bois Roussel**, filho de **Plucky Liège**.

O último grupo é constituído por apenas três éguas que parecem dotadas do poder de transmitirem a stamina necessária para os grandes percursos, quais sejam **Brownhylda, Brulette e Amber Flash**. Essa aptidão para os percursos longos ainda pode ser transmitido por algumas das éguas do grupo anterior.



**Brownhylda**,

uma das raras transmissoras de resistência e stamina. Note sua tipologia de animal fundista.

Prossigui pesquisando o papel das grandes éguas da criação mundial e sua influência, ao nível das aptidões que transmitem a seus descendentes, ao longo de várias gerações.

Algumas delas chegam a preponderar sobre a parte masculina, como é o caso de **Scapa Flow**, mãe dos irmãos inteiros representados pelos chefes-de-raça **Fairway** e **Pharos**, além da potranca **Fair Isle**. Tenho convicção de que sem a presença de **Scapa Flow**, jamais **Fairway** conseguiria ganhar 12 corridas, inclusive provas em distâncias alentadas, como os Eclipse, Newmarket e Champion Stakes (todos em 2000 metros) e tampouco o St.Leger (2800 metros), assim como **Pharos** não teria triunfado em 14 corridas, inclusive na Liverpool Cup (2400 metros). O contra-argumento seria a influência de **Chaucer**, o avô materno, mas parece perfeitamente comprovável que apenas ele, como transmissor de stamina, não seria suficiente para garantir a resistência desses filhos de **Phalaris**, não fosse a presença de **Scapa Flow**. Se analisado o pedigree de **Fair Copy**, ganhador de 8 corridas, desde os 1000 metros do Chesham Stakes, até os 2000 metros da Atlantic Cup, mais os placês nas provas de fundo como o St. Leger e o Jockey Club Stakes, ambos em 2800 metros, apenas a presença do “staminado” Sunstar não seria suficiente para garantir tais façanhas.



**Scapa Flow**, um dos primeiros admiráveis exemplos de prepotência feminina

Principalmente as transmissoras de velocidade, como a tríade **Mumtaz Mahal**, **Lady Juror** e **Lady Josephine**, assim como muitas daquelas éguas consideradas clássicas **Astronomie**, **Djezima** e **Zariba**, entre outras, seguem em muitos casos a tendência de predominar sobre os machos. Daí ter denominado essas fêmeas extraordinárias como as “damas de ferro” da criação mundial.

**Lady Josephine** foi reconhecida como uma das éguas mais velozes de seu tempo, ca

racterística que passou, quase que intacta, a sua filha **Mumtaz Mahal**. Já **Lady Juror**, elemento também muito veloz, teve a capacidade de ganhar o Jockey Club Stakes, em 2800 metros, certamente por influência de seu pai, **Son-In-Law**, mas revelou-se como transmissora de velocidade, através de seus filhos e netos, como **Fair Trial** (milheiro e um dos paradigmas da velocidade), **Festoon** (sprinter a milheira), **Neolight** (idem), **The Recorder** (sprinter, mas que alcançou a milha e meia) e **Tudor Minstrel** (extraordinário sprinter/miler), entre outros.



**Lady Josephine**, a grande raiz de velocidade pura e mãe de suas das mais extraordinárias éguas da criação mundial: **Lady Juror** e **Mumtaz Mahal**.

Outras dessas “damas de ferro” ainda se caracterizaram como transmissoras de temperamentos fortes, às vezes até de caráter instável, como foi o caso de **Feola** que, segundo John Aiscan era animal de péssimo gênio, que acabou transmitindo a muitos de seus descendentes.



**Feola**, uma “dama” de péssimo gênio, mas transmissora de alta qualidade.

Além das broodmares inglesas, irlandesas, francesas e norte-americanas, analisei algumas outras, de grande influência nos pedigrees internacionais, oriundas da Itália, Alemanha, América do Sul (principalmente Argentina) e até mesmo as brasileiras Colita, Risota e Queen Fairy.

Mesmo que o número de éguas analisados seja muito pequeno em vista do imenso universo de grandes produtoras, considerando apenas aquelas nascidas no século que finaliza, de qualquer modo é importante que se passe a cogitar quanto a elementos femininos, que chegaram a formar verdadeiros clãs na criação do puro de sangue de corridas, possam influenciar e servir como modeladores, no mínimo auxiliares, na aptidão corredora de um animal.

Assim sendo, mais **39 éguas** foram anexadas à antiga lista de “dosadoras” que havíamos iniciado em 1991. Na classe “brilliant” teremos **Alanesian, Barley Corn, Be Faithful, Bimba, Friar’s Carse, Grey Flight, High Voltage, Iquem, Marchetta, Pearl Maiden, Perfume II e Point Duty.** Como “intermediates” foram elencadas **Eclair, Lavendula II, Malva, Pontoon,** as argentinas **Eme e Margot** e a brasileira **Risota.**



**Bella Paola**, uma das mais importantes **éguas originárias do** elevage alemão e que difundiu sua descendência para outros países

No grupo “classic” ficaram as argentinas **Crescent, Fallow e Sierra Leona**, as brasileiras **Colita e Queen Fairy e mais, Bella**

**Paola, Carissima, Lady Be Good, Lea Lark, Montagnana, Sansonnet, Source Sucrée e Striking.** Cinco broodmares compõem o novo grupo de “stouts”, a saber **Banish Fear, Loika, Sans Tares, Schwarzgold e Tofanella.** Finalmente, a classe “professional” **reuniu somente duas** representantes: **Deasy e Jury.**

É evidente que muitas outras éguas de grande prestígio na criação internacional poderão ser citadas como integrantes desse grupo de elite, tais como **Arbitrator, Aspidistra, Big Event, Flaming Page, Galla Colours, Intriguing, Missy Baba, Mixed Marriage, Neocracy, Polamia, Quick Thought, Rustom Mahal, Segula, Topiary, Uganda, Vasthi e Vielle Maison**, entre outras. No entanto é preciso que se verifique se as mesmas tem as qualificações como “dosadoras” e só mais uns tempos de pesquisa permitirão essa comprovação.

Por enquanto, esse elenco de fantásticas broodmares, ao longo das análises por dosagem que tenho procedido, tem respondido adequadamente, muitas vezes corrigindo determinadas distorções na definição da aptidão corredora em alguns animais, chegando a resultados mais próximos da realidade.

Nesta ótica, se o analista americano, além de desprezar outros atributos que fazem o grande cavalo, não levou em conta essas éguas maravilhosas, não seria de estranhar que tenha “quebrado a cara”, como já aconteceu com tantos por este mundo afora.

O quadro adiante apresentado mostra as “damas de ferro” da criação internacional divididas nas classes aptitudinais de Franco Varola.



**Crepuscule**, com potro ao pé de St. Paddy, famosa por ser a mãe do campeão **Crepello**, ganhador do Derby de Epsom de 57.

---

## TABELA DAS ÉGUAS INTERNACIONAIS DOSADORAS

---

BRILLIANT	INTERMEDIATE	CLASSIC	STOUT	PROFESSIONAL
Alanesian	Almahmoud	Astronomie	Banish Fear	Amber Flash
Barley Corn	Boudoir II	Aurora	Book Law	Brownhilda
Be Faithful	Eclair	Bella Paola	Double Life	Brulette
Bimba	Eme	Carissima	Loika	Crepuscule
Feola	Judy O'Grady	Crescent	Nogara	Deasy
Friar's Carse	La Troienne	Dalmary	Miss Disco	Jury
Friar's Daughter	Lavendula II	Djezima	Plucky Liège	
Grey Flight	Malva	Fallow	Sans Tares	
High Voltage	Margot	Lady Be Good	Schwarzgold	
Iquem	Pontoon	Lea Lark	Tofanella	
Lady Josephine	Pretty Polly	Montagnana	Trustful	
Lady Juror	Qurrat-Al-Ayn	Myrtlewood	Veneta	
Marchetta	Risota	Phase		
Mirawalla	Schiaparelli	Queen Fairy		
Mumtaz Begum		Reliance III		
Myrobella		Sansonnet		
Pearl Maiden		Sierra Leona		
Perfume II		Sister Sarah		
Point Duty		Source Sucrée		
Polly Flinders		Teresina		
Rough Shod		Zariba		
The Squaw				

---